

Metro & metro (HERMES FONTES)

As que procuram aliar os homens de imaginação creadora com os de iniciativa pratica, unindo-os e fraternizando-os para a grande lucta permanente que é a vida em sociedade, depara-se uma medida, impositiva e simples, medida de harmonia e de aliança — o metro.

Bem assim que entre os homens de negocios a vigente systematização de pesos e medidas veiu conter o excesso aos mais expertos e regular o escrupulo aos mais gananciosos, trouxe-nos, igualmente, a possibilidade de reunir sob o mesmo symbolo criadas das mais diferentes vocações, sinão mesmo de vocações antitheticas.

Apresso-me em fixar o sentido essencial do meu pensamento, antes que o exabrupto da sua expressão lhe empreste ductilidades de paradoxo, diabolismos verbales de boutade...

Entre os homens praticos, notadamente os commerciantes, ha por unidade basilar — o metro. Entre os homens de imaginação, nomeadamente os poetas, ha essa mesma unidade mensural — o metro...

Ahi está — mirabile dictu! — o ponto de intersecção, a medida de coincidência, a encruzilhada de harmonia, o symbolo do congruamento. Os extremos se tocam.

Mas é precisamente na intellectualidade luso-brasileira que mais se accentua essa aproximação. Não vou arrolar, para isso, argumentos de ordem historica ou de observação social. Nem mesmo me atrevo a circumstancia, facilmente verificavel, de serem os commerciantes, pelo menos a classe média da esphera commercial, os melhores, os mais certos, os mais attentos leitores de que dispõem os poetas e os romancistas, que aquem e de além — Castro Alves e Alencar. Nem mesmo assinalarei que muitos dos mais esportaneos e doces sonhadores de que se têm illustrado as letras brasileiras e portuguezas, têm feito estagio pelo balcão e pelos escriptorios commerciantes.

O que ha de mais interessante, é que nessa "aproximação metrologica" entre classes que, a primeira vista, parecem oppostas pelo objectivo de viver e pela propria attitudde de existir, não ha somente a unidade metrica, mas tambem a unidade da "razão metrica".

Porque, si o nosso systema metrico commercial se caracteriza pela razão decupla, tambem a nossa metrologia litteraria se caracteriza pela razão decupla... isto é, pela preferencia decasyllabica...

De facto, o metro decasyllabo é a medida poetica essencialmente portugueza, o metro por excellencia, fundado na harmonia intuitiva da lingua.

E, porque haja actualmente uma tendencia quasi victoriosa de emprestar melhores qualidades ao verso alexandrino do que ao tradicional verso decasyllabo, occorre-me palear sobre esse velho assumpto, que, sem gravar despropósito, bem se poderia renovar agora como um capitulo novo de metrologia comparada.

Diz-se geralmente que o "alexandrino" é mais bello que o "decasyllabo", por ser, mais do que este, majestoso e profundo.

Voto em separado. O "decasyllabo" não é mais profundo, nem mais majestoso, pela razão simplicissima de que é, summariamente, o mais natural e, por isso, o mais rico de todas as qualidades de belleza, sem se adstringir a condição da belleza a essa, aquella ou aquell'outra qualidade artificiosa, cerebrina.

Porque é o mais rico? Porque podem abrolhar no seu rythmo as impressões e as expressões mais variadas. O decasyllabo exprime autoridade, majestade:

Cesse tudo o que a antiga musa canta, Albuquerque terrível, Castro forte. Cantando, espalhari por toda parte. Exprime serenidade:

A' galinha conquista do teu beijo. São pensamentos idos e vividos. A solidariedade subjectiva de todas as especies zoffredoras. Exprime movimento:

E rola e tomba esse espadaça e moaré. Lembros e vejas, como em vi [partida]. Estas, cantando, soluçando, aquellas. Exprime indecisão e extasi:

Surge, trêmulo, trêmulo... A noite. Exprime todas as ternuras, todas as tristezas, todas as siderações da alma, no absoluto do amor e da saudade.

Mas não é o lado subjectivo do verso que melhor o caracteriza. Tanto mais que, até certo ponto, e poderia dizer que o lado subjectivo não é do verso, mas do poeta, ao que responderia que o lindo estio está sempre impregnado do arona que o povoou...

O que mais importa á minha thesa, é a materialidade do verso. E, precisamente sob esse aspecto,

Congresso Legislativo

REUNIAO EM 5 DE ABRIL. Presidencia do sr. Ignacio Uchôa

A's tres horas, feita a chamada, verificou-se a presença dos srs. Candido Rodrigues, Ignacio Uchôa, Luiz Flaquer, Aureliano de Gusmão, Americo de Campos, Arthur Whitaker, Azevêdo Corqueira, Ataliba Leonel, Augusto Barreto, Dario Ribeiro, Francisco Souto, João Martins, Joaquim Gomide, Alcântara Machado, José Roberto, Trajano Machado, José Vicente, Julio Cardoso, Julio Prestes, Compa Vergueiro, Mario Favares, Pedro Costa e Procopio de Carvalho. Delsam do comparecer com causa particada em srs. Dino Bueno, Pontes Junior, Gabriel do Rezende, Gustavo de Godoy, Guimarães Junior, Nogueira Martins, Oscar do Almeida, Rodrigues Alves, Abelardo Cesar, Antonio Lobo, Almeida Prado e Rodrigues de Almeida, e sem participacão os srs. Laercia Franco, Padre Sellen, Plinio Ferraz, Bento Bieudo, Carlos de Campos, Eduardo Caia, Fernando Prestes, Jorge Tibiria, Pereira de Queiroz, Luiz Piza, Albuquerque Lima, Herculano de Freitas, Antonio Pimenta, Alfredo de Barros, Caspary da Rocha, Amado de Barros, Sales Junior, Azevêdo Junior, Claro Cesar, Coriolano do Amaral, Erasmo de Assumpção, Francisco de Carvalho, Gabriel Junqueira, Gabriel Rocha, Guilherme Rodrigues, Vellozo Miranda, Machado Pedrosa, Freitas Valle, Pereira de Mattos, Rodrigues Alves, Laurindo Minho, Olavo Guimarães, Paulo Nogueira, Plinio de Godoy, Raphael Prestes, Theophilus de Andrade, Vicente Prado, Carvalho Pinto e Waldemiro do Amaral.

Estando presentes apenas vinte e tres srs. representantes, deixa de ser lida a cota da sessão anterior.

O SR. LO SECRETARIO declara não haver expediente a ser lido.

Não havendo numero legal, não ha sessão. Levanta-se a reunião, devendo prosseguir o trabalho da apuração no dia 6, á mesma hora.

Não havendo numero legal, não ha sessão. Levanta-se a reunião, devendo prosseguir o trabalho da apuração no dia 6, á mesma hora.

Em Ribeirão Preto

TRISTE OCCORRENCIA — UM HOMEM MORRE ACCIDENTALMENTE — PORRIMENTOS DO FACTO.

RIBEIRÃO PRETO, 5 — Desencolou-se, ontem, ás 16 horas, no bairro do Barracão, uma lanchonete occorrendo, á consequência de morte de uma pessoa, quasi instantaneamente.

Segundo se affirmo, Vicente do tal, empregado de uma escada, foi, com a espingarda que servia para a mesma, a casa commercial da firma Irmãos Vecchi, situada á rua Capitão Salomão n. 12-A, a fim de saber do domicilio de um seu companheiro.

Ali chegando, encontrou varios conhecidos e com elles passou o tempo a jogar baralho, e tomar cerveja.

Após algumas partidas de jogo, originaram-se entre elles algumas divergencias, sendo, porém, reconciliados pelos donos da casa onde estavam.

Na rua os individuos travaram lucta, estabelecendo-se medonha confusão. Nesta occasião, em meio do reboliço, a espingarda disparou, indo a carga atingir o ventre de Manoel de Araújo, de nacionalidade portugueza, que immediatamente recebeu zorra, sendo transportado para a Santa Casa, que, como se sabe, se situa no referido bairro.

Chegando áquelle estabelecimento, Araújo falleceu, após alguns instantes, como consequência de uma resaca de estomago. Manuel de Araújo era casado e possuía cerca de 24 annos de idade.

uma estrophe sextasyllabica, rimada em graves e agudos, passou a parella alexandrina com uma rima unica...

Assim, si em vez de "Ninive" se escrevesse "Lisboa" e o autor fizesse questão de rimar toda a estrophe, a junção dos sextasyllabos em alexandrinos seria uma saída das mais commodas...

Ainda ha outra circumstancia, contra as "difficuldades" do alexandrino. E' que todo principiante começa alexandrinando. E vence sempre as difficuldades... Não ha por ahi postastro, que, mechanicamente, não seja bono alexandrinista.

Por isso, os verdadeiros artistas catturam a variar a malabaristica do verso, dando-lhe, sem prejuizo da acutura, outras ligaduras ou pontos de tonalidade, sendo que alguns poetas já supprimem a cesura, isto é, o signal umbelico do alexandrino.

"De haste em haste, de flor em flor, [de ninho em ninho,] Em cada abraço, em cada beijo, em cada idyllio. Mas o decasyllabo é o verso tradicional da lingua. Os maiores poetas, a começar pelo grande Lyrico (Luiz de Camões) gorgearam no verso illustre.

Em nossos dias, Vicente, Alberto e o saudoso Raymundo preferiram sempre a musicalidade natural do decasyllabo. Nelle crystallizam naturalmente os pensamentos mais doces, as ternuras mais limpidas, as emoções mais verdadeiras.

Os poetas da geração "novissima" vão felizmente reintegrando a poetica no seu metro mais proprio. Ainda mesmo nas composições livresmetricas, ha sensivelmente uma base menos livre e essa medida basilar é o decasyllabo.

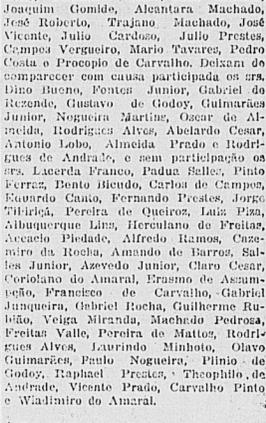
Augusto dos Anjos, Olegario Mariano, Da Costa e Silva não têm metros preferidos, porque os verdadeiros poetas só têm preferencias pela belleza e pelo ideal — mas são de esyllabistas constantes...

Em Augusto dos Anjos, principalmente, a technica decasyllabica attinge a uma perfeição serena e rija, como, em Vicente de Carvalho, a uma perfeição serena e pura.

O PAN-AMERICANISMO

Uma palestra com o dr. Vital Brasil

Algumas notas sobre o recente Congresso de Washington - A opinião do illustre cientista sobre o ensino universitario



A sessão de encerramento foi imponente, e a inauguração tendo-a presidido o sr. Woodrow Wilson.

— Desejo agora que v. exe. me informe sobre uma cura que realizou em Washington, nos ultimos dias de sua estada lá.

— Ah! é isto um caso simples e zaldia, e alhou modestamente o dr. Vital Brasil.

— Tratava-se do empregado de uma parque zoologica, mordido por uma cobra do genero da nossa cascavel. Ha 17 annos que o "Bronx Park" mantem a sua sede em um terreno vasto, e em um incidente se registrou. De maneira que o mais interessante de tudo foi a coincidência da minha presença na capital norteamericana, por occasião do primeiro facto dessa natureza.

— Chamado com instancia para ir a um hospital allemao, onde se achava o enfermo, encontrei-o em gravissimo estado.

— Como se tratava de uma cobra do genero das que aqui applico o soro antiofídico, mas algo recente da sua efflicacia completa. Entretanto, foram maravilhosos os resultados. O homem ficou bom dentro de 24 horas.

— Quando, no dia seguinte, voltei ao hospital, encontrei varias medicos, que discutiam o caso com verdadeiro interesse.

— Eu tinha, no entanto, um motivo para contrariar o exito do meu medicamento, e contra o veneno da serpente que mordera o empregado do "Bronx Park"...

— Lembrava-me de que o sr. Oliveira Lima, quando nosso ministro na Venezuela, havia mandado buscar para o Butantan, para lá ser experimentado, em confronto com o "soro Calmette".

— O successo foi o mais completo possivel. Um jornal da Venezuela occupou-se detalhadamente das experiencias, ralhando a efflicacia do medicamento brasileiro.

— Quería tambem ouvir a opinião de v. exe. sobre as universidades americanas. Podia dizer-me alguma coisa?

— Em companhia de varios congressistas, visitei os principios applicados de ensino na universidade americana, na cidade de Columbia, em Nova York; de Yale, em New Haven; de Harvard, fundada em 1636, e a mais antiga e mais antiga de todas as universidades americanas.

— Em cada uma dellas ha milhares de alumnos. Princeton, que é chamada a Oxford da America, com a sua famosa universidade, tem a população constituida quasi de estudantes.

— A mais agradável das visitas que fizemos foi á Universidade de Yale, que nos colocou em contacto com os alumnos. Fomos recebidos no salão de concertos e ali ouvimos um hymno patriótico, cantado por milhares de estudantes acompanhados por uma orquestra symphonica.

— Notei em toda parte uma disciplina admiravel e uma união verdadeiramente fraterernal na classe universitaria.

— V. exe. sabe que o dr. Carlos Maximilian quer fundar uma universidade no Rio de Janeiro?

— Nos Estados Unidos já não existem, pôde-se dizer, as academias isoladas. Acho luvantissima a idea do ministro do Interior. O Brasil comporta mais de uma universidade, o que nos falta ainda é a iniciativa privada e millonarios que queiram ligar os seus nomes ás obras de sciencia.

— A Universidade de S. Paulo está terminando os primeiros pavilhões do seu hospital. E' uma obra de extraordinaria beneficencia. Para o custeio dessa instituição pia vai ser posto em pratica o systema de contribuições adoptado na Alemanha. A nossa Santa Casa nos oferece na actualidade um fructo copioso de conforto para os que deixam os indigentes enfermos.

OS NOSSOS BAIROS

Liberdade

"CORREIO PAULISTANO" O sr. Armando Nobrega é nosso representante neste bairro e reside á rua Thomaz Gonzaga, n. 24 (antiga Corrêa), onde poderá ser procurado para tratar de negocios com referencia a esta folha.

THEATRO S. PAULO Está sendo levado com successo neste theatro do bairro, todas as terças-feiras, o imponente film, em innumerous actos, "Os mysterios de Nova York".

"VOZ DE ALÉM" O sr. major Felício Candido teve a gentileza de remetter-nos o 1.º numero deste jornal, organ dedicado aos adeptos de Allan Kardec, e com publicação em Botucatu, neste Estado.

ALBERGUE NOCTURNO Durante o mez de março proximo findo foi o seguinte o movimento havido nesta importante casa de caridade: Frequencias durante o mez 5.983 pes. 500.

Sexos: masculino 5.280 e feminino 703. Nacionalidades: brasileiros 2.281, italianos 1.125, hespanhóis 312, portuguezes 60, allemães 218, francezes 11, austriacos 115, inglezes 31, belgas 30, russos 32, turcos 104, japoneses 86 e japoneses 25.

Alibores 5.201 e menores 722. Estado: s. 3.856, casados 611 e viuvas 486. Cotas: brancas 4.857 e pretas 1.126. Sabendo ler e escrever 4.896 e analfabetos 1.087.

Previdencias: da capital 2.899 e do interior 3.681. O movimento tido de 1.º de janeiro até 31 de março foi de 19.247 pessoas, sem registar incidente algum.

GUARDA DO SS. SACRAMENTO Pela Confaria de S. Vicente de Paulo está feita a guarda de honra ao SS. Sacramento no proximo sabado, 8 do corrente mez.

A mesma guarda dar-se-á começo ás 18 horas desde dia, podendo tomar parte qualquer pessoa além dos irmãos da Confaria de S. Vicente de Paulo.

MUDANCA O sr. tenente Benedicto Gomes Nogueira Fernandes acaba de transferir sua residência para a avenida Tamanduetty, 24.

PELAS ESCOLAS

UNIVERSIDADE DE S. PAULO Realizar-se-á hoje, 6 do corrente, ás 20 horas, a reabertura das aulas da Universidade de S. Paulo.

Fará a aula inaugural o sr. dr. J. A. Marrey Junior, lente de Direito Penal.

ASSOCIAÇÃO UNIVERSITARIA Para a vaga aberta na redacção da "Athenea", com a formatura da sr. Dagoberto Guimarães, foi hontem escolhido o sr. José Sydrach da Cunha, do terceiro anno de Pharmacia, indicado pelo respectivo curso.

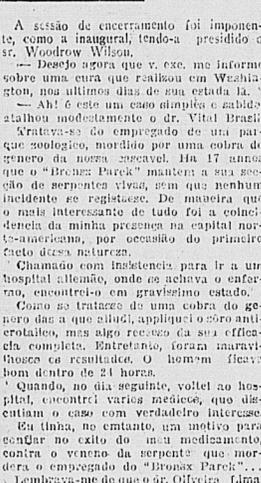
As delegações da directoria junto aos diversos annos das escolas superiores ficaram assim constituídas: Delegados do curso de Medicina: doutorandos Alfredo Tassara de Padua, Mario Rodrigues Louzã e José Tipaldi, pelo 6.º anno; Alcides Bernardino de Campos, José Bastos Cruz e Jacob da Silva Campanella, pelo 5.º anno; Alexandre Ferreira Netto, Romulo Cardillo e José Bresser Monteiro de Barros, pelo 4.º anno; Paulo Monteiro de Barros Marrey, Brasílio Marcondes Machado e João Rodrigues Peres, pelo 3.º anno; Antonio Carlos Pacheco e Silva Netto, Arthur Guimarães Junior e Homero Caceres, pelo 2.º anno; Alfredo Martins, Tiberio de Castro Bueno e João de Castro Gonçalves, pelo 1.º anno.

Do curso de Direito: bacharelados Ataliba Piedade Gonçalves, Francisco Aurelio de Sousa Carvalho Filho e Cav. Gaetano Pepe, pelo 5.º anno; Pedro Paulo de Castro Paes, Lauro Cortes Laxe e Dario Brasil, pelo 4.º anno; Albertino Lima, Virgilio Franco de Moraes e Carlos Kiehlard, pelo 3.º anno; J. D. Machado Cesar, Joaquim Augusto Ferreira Alves Junior e João Carneiro Aragão, pelo 2.º anno; Alonso Anibal da Fonseca, André Carrazoni e Antonio Roberto de Arruda Botelho, pelo 1.º anno.

Do curso de Engenharia: engenheiros Leonidas Mendes de Castro, Octavio Pereira de Almeida e Arthur Rangel Christoffel, pelo 5.º anno; Antonio de Padua Salles Junior, Arthur Ferreira Gomes e Mario Alves Aranha, pelo 3.º anno; Martinho Frontini, Ernani Ferraz Nogueira e Joaquim de Campos Toledo, pelo 2.º anno; Antonio Pereira de Almeida, Juvenal Ramos Barbosa e Mucio Passos, pelo 1.º anno.

AS CHUVAS NO RIO

Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".



— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

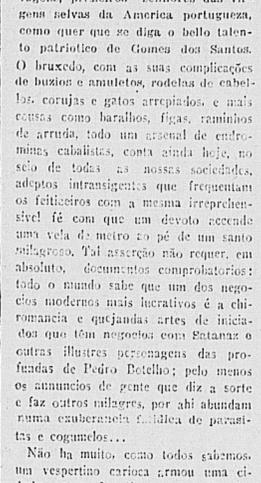
— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

AS CHUVAS NO RIO

Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".



— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

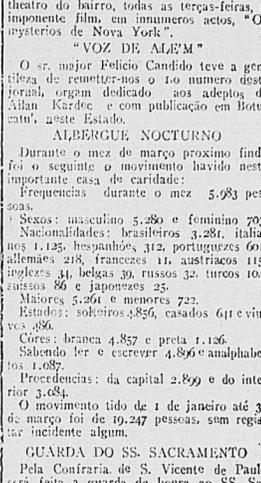
— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

AS CHUVAS NO RIO

Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".



— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".

— Como está a familia? Deixei-a a secar, no telhado. E seu povo como vai? Assim, assim, "abrigado".